

## **APRENDER A VER: O CINEMA E A IRRADIAÇÃO DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA, ENTRE OS ANOS DE 1920 E 1940**

Rosana Elisa Catelli

Universidade Estadual de Santa Cruz

[ecatelli@uol.com.br](mailto:ecatelli@uol.com.br)

### **Resumo**

Este artigo traz alguns apontamentos de uma pesquisa que tem por objeto a produção de filmes documentários na Bahia, entre os anos de 1920 a 1940, para uso educacional ou político. O cinema, desde seu surgimento, se caracterizou como um dos principais entretenimentos populares. Paralelamente a isso, intelectuais, políticos, educadores e cineastas estabeleceram um amplo debate a respeito do uso do cinema como instrumento pedagógico ou de propaganda política. Por um lado, combatiam o cinema considerado meramente mercantil, por outro, defendiam a utilização dos recursos oferecidos pela nova tecnologia para irradiar a cultura, promover a identidade nacional e a integração cultural das várias regiões do país. A reprodução de imagens da realidade, proporcionada pelo filme documentário ou “filmes naturais”, poderia servir como metodologia de aprendizagem e contribuir para a formação das classes populares. Pretendemos, então, refletir sobre as concepções e os usos do cinema com este fim, assim como analisar de que forma a produção audiovisual contribuiu para delinear determinadas identidades culturais, nacionais ou regionais.

**Palavras-Chave:** cinema educativo; cinema nacional; meios de comunicação.

### **Introdução**

Este texto consiste no relato de uma pesquisa, ainda em andamento, que está sendo realizada na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), pelo projeto *Estado e Cinema na Bahia: os meios de comunicação de massa como veículos de educação e propaganda*



*política entre os anos de 1920 e 1960.* Até o momento foram analisados os artigos do jornal *Diário da Tarde*, de Ilhéus, das décadas de 1920 a 1940, que abordaram o uso do cinema em termos pedagógicos e políticos. Além disso, encontramos duas películas, documentários sobre Itabuna, realizados em 1934 e 1961, que estão em processo de recuperação e análise.

Nosso objetivo, com esta pesquisa, é refletir sobre os diferentes usos que foram imputados a imagem cinematográfica; analisar as concepções de cinema, especificamente do gênero documentário, que davam subsídios a essas propostas; verificar as relações entre a produção realizada no período e a formação da indústria cinematográfica no Brasil e recuperar a documentação, escrita e imagética, existente para o período em questão.

## **Cinema, Ciência e Educação**

No final do século XIX, no mundo todo, várias invenções tecnológicas modificavam o cotidiano das pessoas, que viviam as consequências da segunda Revolução Industrial, chamada de Científico-Tecnológica, ocorrida a partir dos anos 1870. Neste período surgiram novos equipamentos como o telégrafo, o telefone, a iluminação elétrica, a fotografia, o cinema, a radiodifusão e a televisão, entre tantos outros produtos que invadiram o cotidiano e modificaram profundamente o modo de vida em várias cidades do mundo<sup>1</sup>. No Brasil e em outros países, o cinema logo se transformou numa invenção de grande sucesso e em diversão popular dos grandes centros urbanos.

A partir da primeira exibição de cinema realizada em 1896, no Rio de Janeiro, vários outros eventos foram contribuindo para o desenvolvimento desta atividade no país, aumentava cada vez mais o número de pessoas envolvidas na sua organização<sup>2</sup>. Criação de salas fixas, de escolas de cinema, das companhias cinematográficas, filmagens de acontecimentos públicos, de documentários e das vistas nacionais, dos filmes cantados, das operetas, publicação de revistas especializadas, elaboração da censura, da legislação, etc.

---

<sup>1</sup>SEVCENKO, Nicolau. “O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso” in: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da Vida Privada no Brasil 3. República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.p. 9.

<sup>2</sup> SOUZA, Carlos Roberto de. *A fascinante aventura do cinema brasileiro*. São Paulo: Fundação Cinemateca Brasileira, 1981.



Era um novo campo social que se formava e que necessitava delimitar seus interesses, suas competências, seus códigos, estratégias de atuação, seus profissionais, seu público, enfim, a estrutura e os princípios deste campo<sup>3</sup>. O cinema desde seu princípio despertou a curiosidade e o interesse de diversos grupos sociais, pela possibilidade de seu uso empresarial, simbólico e científico.

O campo educacional, nos anos de 1920, estava se redefinindo e se constituindo como o local específico na produção do conhecimento. A escola, nos primeiros anos da República, definiu formas e culturas escolares que tinham por objetivo distinguir normas e fazeres pedagógicos dos praticados em outros lugares sociais. A convivência entre homens comuns e eruditos, entre cultura letrada e cultura popular, entre práticas de socialização e práticas de escolarização marca a escola tanto quanto a sociedade neste período. Apesar de todo o entusiasmo pela educação no início de período republicano, grande parte da população em idade escolar ainda estava fora da educação formal, na década de 1920, setenta por cento da população em idade escolar não freqüentava a escola. Portanto, a educação da população não se dava apenas nos bancos escolares, mas principalmente através de outras práticas, entre elas, o cinema popular<sup>4</sup>.

As possibilidades de utilização da imagem cinematográfica para a ciência foram também sendo experimentadas por várias especialidades, tendo a medicina sido uma das primeiras a realizar diversas ações neste sentido. Ao mesmo tempo em que surgia o cinema, os médicos elaboravam novas técnicas de visualização, como o Raio X. Estes profissionais passaram a usar as técnicas cinematográficas em terapias e atividades educativas, uso este legitimado pela crença na objetividade da imagem cinematográfica. Ao cinema foi imputada a capacidade de reproduzir com fidelidade os movimentos, de permitir a

---

<sup>3</sup> A respeito do conceito de campo social ver BOURDIEU, Pierre. “Campo de poder, campo intelectual e habitus” in: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

<sup>4</sup> NAGLE, Jorge. *A educação na Primeira República. Educação e Sociedade na Primeira República*. São Paulo/ Rio de Janeiro: EPU/ Fundação Nacional do Material Escolar, 1976.



visualização de detalhes, proporcionando, por exemplo, aos alunos de medicina aulas espetaculares de dissecação de cadáveres ou de cirurgias<sup>5</sup>.

Na década de 1920 foram formuladas as primeiras propostas de uso do cinema na educação e, após 1930, começam a se delinear várias iniciativas dos órgãos públicos para a implantação de uma cinematografia com objetivos pedagógicos. Este período é marcado por várias reformas na área da educação, pautadas por uma ampliação das responsabilidades do Estado no setor. As reformas contemplavam também mudanças no ensino com base nas teorias pedagógicas da Escola Nova<sup>6</sup>, que pressupunham um ensino baseado na observação, no aprendizado concreto e mais próximo da experiência do aluno. Esta aproximação entre a realidade do aluno e o ensino, poderia ser dada, para alguns educadores da época, pelo cinema, pois na concepção destes o novo invento tecnológico seria capaz de reproduzir com fidelidade as imagens da realidade necessárias ao ensino.

Estes educadores ficaram também maravilhados com as possibilidades que a nova técnica oferecia, entre elas, a microcinematografia, ou seja, a visualização de detalhes, de microorganismos, por exemplo. Como se o cinema pudesse transpor o laboratório para as telas, sendo que a câmera estaria no lugar do microscópio e os alunos pelas imagens teriam a experiência da pesquisa científica. Da mesma forma que o cinema poderia aproximar determinadas imagens, poderia nos levar para longas distâncias, viagens pelo mundo seriam possíveis de serem realizadas através das telas cinematográficas, fazendo-nos conhecer melhor o Brasil e o mundo.

A relação entre cinema e educação pode ser notada desde o início do século XX, em publicações da imprensa diária, artigos de revistas especializadas de cinema, como também em alguns livros publicados por teóricos ou educadores nos anos de 1920 e 1930. Entre estes autores, está Joaquim Canuto de Almeida, que publicou um livro intitulado “*Cinema contra Cinema*”, em 1931. Nele, Canuto propõe a criação do cinema educativo, e defende a

---

<sup>5</sup> Sobre esta relação entre cinema e ciência ver, VIEIRA, João Luiz. Anatomias do visível: cinema, corpo e a máquina da ficção científica. In: NOVAES, Aduato. O homem – máquina: a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

<sup>6</sup> Entre os representantes da Escola Nova no Brasil, citamos: Fernando de Azevedo, Afrânio Peixoto, Anísio Teixeira, Manuel B. Lourenço Filho, Francisco Venâncio Filho, Hermes Lima, entre outros.



tese de que o “cinema deveria curar-se com o próprio cinema, ou seja, às exibições proporcionadas pelo ‘cinema mercantil’, que neutralizava o trabalho dos agentes educadores, deveria contrapor-se o cinema educativo”.<sup>7</sup>

Em 1939, Roberto Assumpção de Araújo, defende sua tese intitulada “*O Cinema Sonoro e a Educação*”. O autor reafirma a importância do cinema como instrumento pedagógico e expõe as qualidades do cinema sonoro para este fim: “conseguindo fixar a atenção da criança, está desde logo melhorando o proveito da lição. Bastaria essa qualidade para que o cinema sonoro desde logo se recomendasse como um auxiliar didático de primeira qualidade. É mais real, mais completo e corresponde melhor à mentalidade infantil”<sup>8</sup>.

Educadores, cineastas e intelectuais compartilhavam dos ideais expostos acima a respeito da importância do cinema educativo. Francisco Campos, responsável por reformas educacionais no Estado de Minas Gerais, será nomeado para o Ministério da Educação no Governo Provisório, estabelecido após a Revolução de 30. Campos defendia a utilização do cinema e do rádio na educação e propaganda política. Formou uma comissão que seria encarregada de estudar as possibilidades de uso do cinema na educação. “Composta por exibidores, produtores e educadores, a Comissão ainda acolheu as sugestões de outros elementos ligados ao mercado cinematográfico brasileiro”.<sup>9</sup>

Outro defensor do cinema educativo foi Fernando Azevedo, integrante dos setores administrativos educacionais, ocupou cargos referentes à escola primária, secundária, normal e superior. Foi responsável pela reforma educacional de 1928 e participante do Manifesto dos Pioneiros da Educação, de 1932. Considerava que o cinema, assim como o rádio, eram fatores de “educação popular pelo seu extraordinário poder de sugestão, desempenham um papel tão importante que a sua influência não só se pode comparar, mas já se considera superior à do jornal diário, sobretudo em países onde são ainda numerosos

---

<sup>7</sup> ALMEIDA, Joaquim Canuto Mendes de. Cinema contra cinema. Bases gerais para um esboço de organização do cinema educativo no Brasil. São Paulo: São Paulo Editora, 1931.

<sup>8</sup> ARAUJO, Roberto Assumpção de. *O cinema sonoro e a educação*. São Paulo: São Paulo Editora, 1939.

<sup>9</sup> ALMEIDA, Joaquim Canuto Mendes de. Op.cit. p.65



os iletrados”.<sup>10</sup> Na Bahia, o grande defensor do cinema educativo foi Anísio Teixeira, que junto com Fernando de Azevedo, foi um dos seguidores dos ideais da Escola Nova.

Roquette-Pinto, intelectual de projeção nacional e diretor do Museu Nacional, escreveu vários artigos sobre o cinema educativo, “cuja função principal, a seu ver, era instruir aqueles que não tiveram educação formal”<sup>11</sup>. Já em 1912, Roquette-Pinto trazia de Rondônia os primeiros filmes dos índios nhambiquaras, realizados durante a expedição Rondon, sendo um dos primeiros documentários etnográficos realizados no Brasil.<sup>12</sup> Em 1936, durante o governo Vargas, foi encarregado de dirigir o Instituto Nacional de Cinema Educativo. Ao assumir convidou o cineasta Humberto Mauro para fazer parte do quadro técnico do Instituto, onde permaneceu até o início dos anos de 1960. Humberto Mauro dirigiu mais de 400 documentários enquanto esteve no INCE.

### **Cinema, educação e propaganda na Bahia**

Nos artigos de jornal do *Diário da Tarde*, pesquisados até o momento, há diversas referências ao uso do cinema, especificamente dos “filmes naturais”, com fins educativos e propagandísticos. Há também a menção de produções de documentários realizadas em Ilhéus, como também, produções do Rio de Janeiro sobre as cidades brasileiras. Grande parte dos artigos sobre cinema, presentes neste jornal, dizem respeito aos filmes americanos que estavam sendo exibidos no Brasil, sobre as estrelas hollywoodianas e sobre as dificuldades enfrentadas pelo cinema nacional. Selecionamos aqui, alguns deles, que tratam especificamente da questão do uso do cinema na propaganda e na educação.

Num artigo de 18 de Setembro de 1928, com a manchete *A Cidade do Écran*, comenta-se a produção de uma reportagem cinematográfica sobre Ilhéus, produzida e editada pela empresa cinematográfica bahiana Nelli Pilos, em que se mostra a colheita, o plantio, secagem, empacotamento e embarque do cacau. O filme cumpre um dos objetivos postos para o cinema, no período, que era o de fazer a propaganda do Brasil no exterior e de

<sup>10</sup> AVEVEDO, Fernando. *A Cultura Brasileira*. São Paulo: Cia Ed. Melhoramentos/ EDUSP, 1971. p. 700.

<sup>11</sup> *Enciclopédia do Cinema Brasileiro*, p. 471.

<sup>12</sup> Ver, ROQUETTE-PINTO, Vera Regina. Roquette-Pinto, o rádio e o cinema educativos. *Revista USP*, São Paulo, n.56, dez/fev, 2002-2003.



mostrar o Brasil aos brasileiros. Acreditava-se que o Brasil, como nenhum outro país, possuía belezas naturais dignas de serem filmadas, ou seja, era um país “photogênico”, Fotogenia é um conceito que significava aquilo que era específico do cinema, como o movimento, por exemplo, mas aqui este conceito está associado a idéia de beleza, de “boa aparência”, portanto, para ser “photogênico” nem tudo deveria aparecer na tela. Na perspectiva da propaganda, as imagens deveriam viajar pelo Brasil a fim de revelar o progresso e o exótico, mostrar os aspectos maravilhosos do país, tal como num filme intitulado *Uma Viagem ao Brasil*, citado em artigo de 20 de julho de 1929, exibido na cidade de Ilhéus, que continha cenas do carnaval carioca, do Instituto Butantã, e outros aspectos do que e então se considerava como parte da cultura e do desenvolvimento nacional. Portanto, “seria nas telas e não nas ruas que se deveria produzir a imagem de progresso do país”<sup>13</sup>.

A cidade de Ilhéus parece ter sido objeto de filmagens cinematográficas por várias vezes, conforme podemos observar no seguinte trecho, do artigo intitulado *ILHÉUS VAI SER FILMADO PELA “MERIDIONAL”*, de 25 de janeiro de 1938:

O secretário dessa empresa cinematográfica nacional chegou hoje a Ilhéus.

Mais uma vez Ilhéus será filmado, desta vez pela “Meridional Films”, importante empresa cinematográfica brasileira que tem apresentado as telas nacionais os aspectos más interessantes dos grandes municípios brasileiros.

Para tratar desse assunto, chegou hoje a esta cidade o sr. Felipe Di Cavalcanti, secretário da “Meridional Films”, autorizado pelo interventor federal na Bahia a tratar com o prefeito de Ilhéus a organização de uma película que revelará ao Brasil não só as nossas riquezas econômicas, como os nossos aspectos sociais e belezas naturais.

O Brasil deveria ser revelado principalmente para os próprios brasileiros. O cinema fazia parte de um projeto maior de modernização da sociedade brasileira, pela via da ciência e da educação, resgatando aqueles que estavam excluídos do saber oficial. O

---

<sup>13</sup> XAVIER, Ismail. *Sétima Arte: um culto moderno*. São Paulo, Perspectiva, 1978, p.176.



cinema poderia mostrar o Brasil a milhões de brasileiros, dando unidade cultural a uma população até então dispersa pelo território.

Os artigos revelam também o interesse na utilização do cinema para a educação do trabalhador agrícola. Como grande parte desta população era constituída por analfabetos, acreditava-se que pelo cinema se poderia ter mais eficácia pedagógica do que a distribuição de panfletos escritos. Segundo artigo de 29 de abril de 1929, “se à massa analfabeta dos trabalhadores rurais não serve a propaganda das monografias, façamos a das alegorias”.

Intelectuais, políticos e educadores preocupados com a questão da difusão e transmissão da cultura, irão valorizar a expansão dos meios de comunicação de massa, a fim de aproximar as regiões do país, os diferentes níveis culturais e econômicos e levar a arte e a cultura às suas fontes populares, contribuindo para reduzir o isolamento em que sempre viveu grande parte da população brasileira do interior. O avanço dos sistemas de radiodifusão e o cinema contribuiriam para a irradiação e transmissão da cultura. Desta forma, os novos meios de comunicação poderiam cumprir o papel de integrar a sociedade, estabelecendo contatos entre segmentos diferenciados: artista e público, litoral e sertão, nacional e estrangeiro, cultura popular e cultura erudita, pobres e ricos.

Irradiar significava criar novas vias de acesso para a cultura e a educação da população, para que a sociedade passasse a funcionar harmoniosamente, cada parte cumprindo o seu papel, tal qual o organismo humano. Para uma melhor visualização deste organismo, de cada detalhe que o compõem e para uma eficiente comunicação entre as estas partes, nada melhor do que a técnica cinematográfica, com seus truques, seus close-up, alterações de velocidades da câmara, possibilitando a revelação de um Brasil pelas aproximações e distanciamentos que a câmara cinematográfica podia realizar. Diante da capacidade da imagem cinematográfica de mostrar cenas distantes, ela cumpriria quase que uma missão “etnográfica” de revelar a geografia, a cultura e os povos das diferentes regiões brasileiras.

O cinema ensinaria a ver um Brasil, ver uma Ilhéus, ver uma Bahia. Seria uma etnografia que se faria no jogo das “revelações” e “enganos” do cinema, a despeito de toda a crença na objetividade da ciência e da própria imagem. A propaganda e a educação pelo





cinema, sendo este um cinema “oficial”, proporcionaria um redirecionamento do olhar, para um modelo de Brasil que se queria construir.

## **Bibliografia**

ALMEIDA, Joaquim Canuto Mendes de. *Cinema contra cinema. Bases gerais para um esboço de organização do cinema educativo no Brasil*. São Paulo: São Paulo Editora, 1931.

ARAÚJO, Roberto Assumpção de. *O cinema sonoro e a educação*. São Paulo: São Paulo Editora, 1939.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

BOURDIEU, Pierre. *Um art moyen, essai sur les usages sociaux de la photographie*. Paris, Minuit, 1978.

BOORSTIN, Daniel J. *Os criadores: uma história da civilidade humana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. “A República, a escola e os perigos do alfabeto” in: PRADO, Maria Ligia Coelho e VIDAL, Diana Gonçalves. *À margem dos 500 anos: Reflexões irreverentes*. São Paulo: EDUSP, 2002.

MATIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

NAGLE, Jorge. *A Educação na Primeira República. Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo/Rio de Janeiro: EPU/ Fundação Nacional de Material Escolar, 1976.

RAMOS, Fernão Pessoa e MIRANDA, Luiz Felipe (orgs.). *Enciclopédia do cinema brasileiro*. São Paulo: Ed. SENAC SP, 2000.

SERRANO, J. e VENÂNCIO Filho, Francisco. *Cinema e educação*. São Paulo, Cayeiras: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1930.

SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da Vida Privada no Brasil 3. República: da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SIMIS, Anita. *Estado e cinema no Brasil*. São Paulo: Annablume, 1996.



VIEIRA, João Luiz. *Anatomias do visível: cinema, corpo e a máquina da ficção científica*.

In: NOVAES, Adauto. *O homem – máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

XAVIER, Ismail. *Sétima arte, um culto moderno*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1978.

XAVIER, Ismail (org.). *O cinema do século*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

